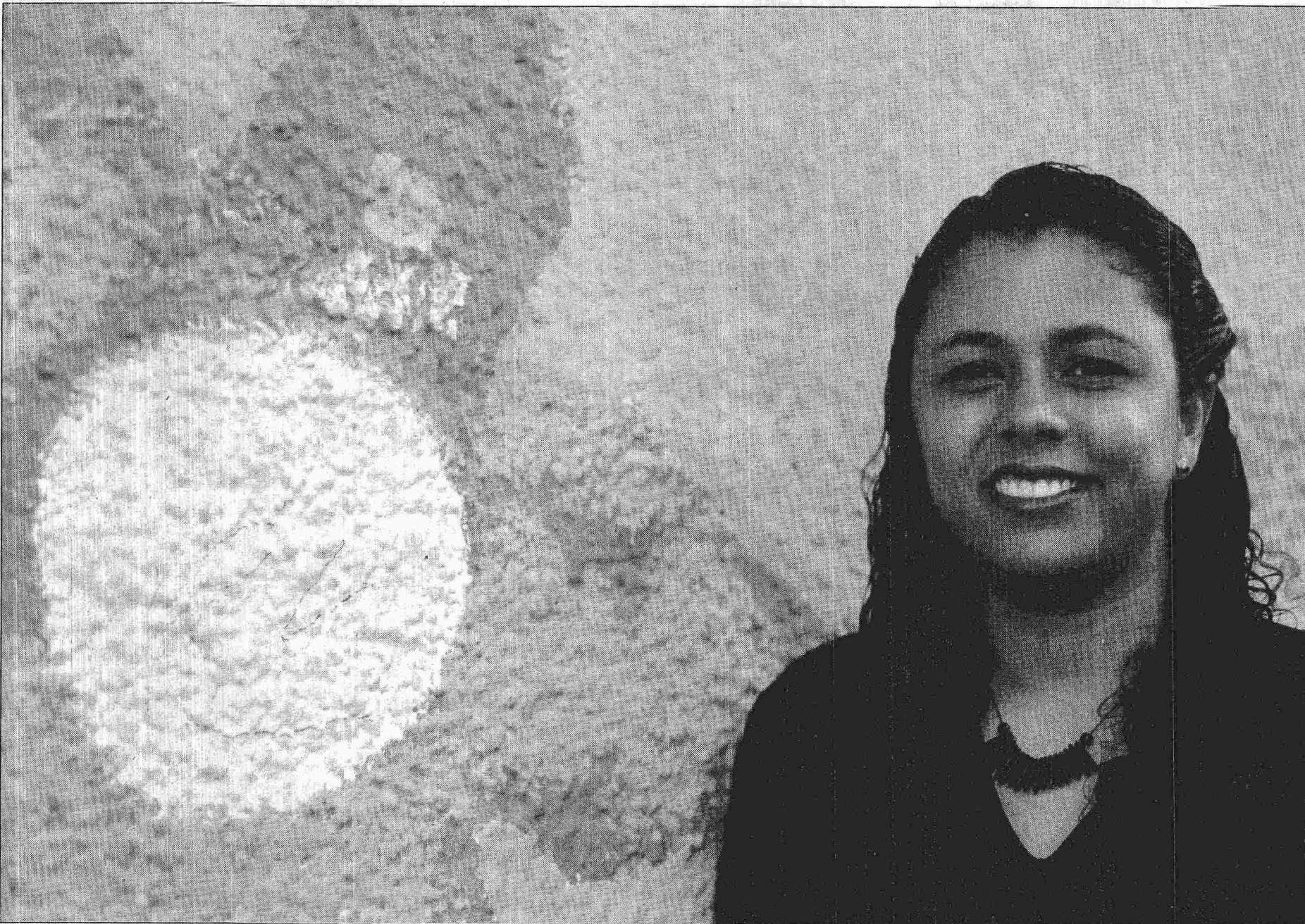


Lindauro Gomes



Por onze anos, Renata, 30, foi diretora de escola em Ceilândia e fez cursos para aprender a lidar com alunos drogados e infratores: "Sinto-me responsável por cada um deles"

PROVIDÊNCIAS

O educador ao tomar conhecimento de alguma infração dentro da escola, deve tomar os cuidados:

- O primeiro passo é encaminhá-los — autor e vítima — às autoridades policiais. No caso, à Delegacia da Criança e do Adolescente (DCA). Os pais ou responsáveis devem ser informados
- Na hipótese de agressão ou lesão corporal, além de levar o caso à delegacia, o professor deve prestar socorro às vítimas
- Na hipótese de lesões corporais sem vítimas e furto de pequenos objetos, como apontadores, lápis ou canetas, e se esse comportamento não for comum ao aluno, o educador poderá levar o caso somente à direção da escola, sem a necessidade de intervenção policial
- A escola, com o apoio da família, deverá fazer avaliação e planejamento de aulas para o adolescente
- Todas essas decisões deverão respeitar os direitos fundamentais da criança e do adolescente. Para efeitos legais, adolescente é a pessoa entre 12 anos completos e 18 anos incompletos.

Entre os estudos e a vida

Estudo indica que Ceilândia têm as mais perigosas escolas. No DF, 44% estão livres de vandalismos

Dalila Góes
Da equipe do Correio

Aula de cidadania. Marcos (nome fictício) nunca tinha ouvido falar nisso. Para o garoto de 16 anos, escola serve apenas para ter aulas de matemática, português, ciências. Na hora do recreio, o bate-papo com amigos pode ser interrompido por cenas, freqüentes, de vandalismo. Na última quinta-feira, três dias depois de um adolescente de 15 anos disparar uma pistola 9 milímetros — de uso exclusivo das Forças Armadas — no Centro Educacional 02 de Sobradinho, o garoto questionou se sua escola, em Ceilândia, era mesmo um lugar seguro. Sentado no chão da sala de aula lembrava da palavra cidadania, citada dezenas de vezes pela professora de português naquele dia.

O relógio apontava 15h e Marcos até aquela hora dentro da escola. Ainda não havia decidido se voltaria, ou não, para casa. Estava com fome — a última refeição foi às 6h30: café e pão com margarina —, mas também estava com medo. Pôs a cabeça para fora do portão à procura do Batalhão Escolar da Polícia Militar. Não viu ninguém. Decidiu, então, esconder o uniforme na sala de limpeza da escola e vestir camiseta branca sem identificação escolar. Feita a troca, Marcos seguiu para casa, assustado.

O pavor de Marcos começou há uma semana quando um colega de sala foi espancado. O motivo da agressão foram dois cigarros de maconha. Para sua infelicidade ele viu a cena, de longe. Mesmo sendo noite, às 20h30, e apesar da pouca iluminação da rua de terra batida a duas quadras de sua casa, foi reconhecido. Agora está marcado pelo agressor e pelo colega que o acusa de omissão. "Não entendo. Se tivesse ajudado meu amigo ganharia um

inimigo da escola vizinha. Como não me manifestei, fiz, de graça, um inimigo dentro de sala de aula. E agora?", questiona-se.

ANJOS DA GUARDA

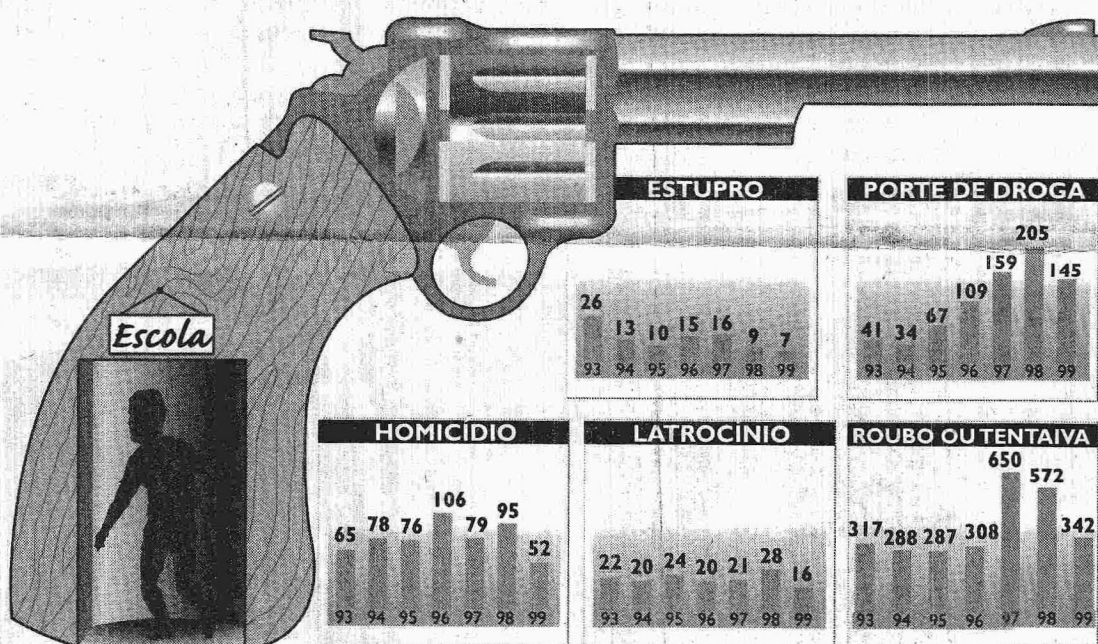
"A polícia? Nem soube", garante. "A diretora da escola também não", afirma. Pois Marilda, a diretora, sabe da história e de tantas outras que fazem de sua vida um filme de terror e suspense. Há um mês do final do semestre não há professores de Geografia nem Química para passar as provas finais. Os dois pediram transferência para outras unidades de ensino. A professora de matemática também ameaça deixar os alunos. "Poucos olham por nós", reclama.

Os poucos a quem a diretora se refere são os meninos do SOS Galera, do Instituto de Pesquisa e Ação Modular (Ipam), organização não governamental. Há sete meses, uma turma do instituto visitou a escola. A missão: falar sobre violência. "Passamos quatro semanas de paz. Depois disso...", lamenta Marilda, que há dois meses propôs aos professores o fechamento das aulas à noite.

O que a diretora não sabe é que seus anjos da guarda são apenas 60 para todas as escolas da rede oficial de ensino. Na verdade, a prioridade do SOS Galera são as escolas de Ceilândia, consideradas pela ONG como pontos críticos de violência no Distrito Federal. A cidade ganhou o título devido à alta rotatividade de alunos e reincidência em problemas como porte de armas, tráfico de drogas, depredação e agressão a professores. "É uma área complicada, muito carente de informação, com pouca estrutura familiar e, principalmente, com pouca educação", acredita Mara Felipe, diretora do SOS Galera.

Criado há dois anos, o programa já atendeu 36.378 alunos. A proposta é transformar jovens

VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA INFANTO-JUVENIL NO DF



Fonte: Instituto Educar da Infância e Juventude

entre 16 e 18 anos em agentes de segurança. Escolhidos dentre mais de 300 inscritos, eles são responsáveis pela recepção e encaminhamento de denúncias, difusão, educação e formação de uma rede comunitária em defesa dos direitos das crianças e adolescentes vítimas de violência.

Além disso, passeatas contra a violência nas escolas e campanhas de troca de armas por brinquedos fazem parte do dia-a-dia do projeto. "Fazemos nossa parte. Mas ainda é pouco", reconhece Mara. "Se existem alunos-problema, também existem crianças maravilhosas, empenhadas em ajudar seus próprios colegas", pondera. Sua esperança vem dos 60 agentes-mirins que trabalham três vezes por semana em troca de lanche e vale-transporte. Todos, sem exceção, são de Ceilândia.

SEM GRADES, SEM MUROS

Apesar do medo dos professores, pesquisa do laboratório de Psicologia do Trabalho da Universidade de Brasília (UnB),

realizada no segundo semestre do ano passado em 1.444 escolas públicas de todo o país, mostra que grades, muros altos, alarmes e câmeras de segurança não resolvem o problema da violência. O estudo mostra que entre os colégios sem problemas de vandalismo e roubos,

72,6% contam com segurança interna, como vigias em período integral além de cercas e muros altos. Ao mesmo tempo, 72,8% dos que enfrentam esses problemas, não têm tantos cuidados, mas são bastante seguros.

Os percentuais parecidos denunciam a ineficácia do arsenal anti-violência. "Talvez porque o aluno conheça cada centímetro de sua escola. Cada grade, portão ou porteiro podem ser eliminados como em um jogo de *video game*", aponta a professora Eloísa Magalhães da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Para ela, os alunos quando estão sem dinheiro, roubam desde o giz até a privada do banheiro.

O resultado de pesquisas como a da UnB não são surpreendentes

para quem estuda a violência nas escolas. Estudos semelhantes em outros países demonstraram a mesma coisa. "Tudo depende do envolvimento da comunidade onde a escola está", ressalta a professora, que realizou pesquisa em escola pública da zona oeste do Rio de Janeiro.

No Distrito Federal, 44% das escolas estão livres de roubo e vandalismo, de acordo com o estudo da UnB. Muitas vezes, esses colégios a salvo estão no Plano Piloto, dentro das superquadras ou em outras áreas consideradas seguras. Outras escolas, porém, apesar de localizadas em áreas perigosas, são consideradas tranquilas.

De acordo com pesquisa da Universidade de Brasília, a pedido do programa *Paz nas Escolas* da Secretaria de Estado de Direitos Humanos do Ministério da Justiça, a região Centro-Oeste é a que menos tem casos de violência nas escolas, com 46,8%. Em primeiro lugar está o Nordeste com 59,8% dos casos. Duvido que exista escola 100% segura. E sabe por que? Porque não temos professores treinados para lidar e denunciar a violência", diz a professora carioca Eloísa Guimarães.

PROFESSORES TREINADOS

Apesar do último lugar em número de ocorrências, o Centro-Oeste tem a primeira ONG totalmente voltada para a capacitação de profissionais de educação. O Instituto Educar da Infância e Juventude, ONG criado há um ano em Brasília, sobrevive com o patrocínio do BRB e da Companhia Energética de Brasília (CEB), e jura não entregar os pontos para a guerra escolar. Os educadores aprendem a lidar com alunos infratores, conhe-

cem as drogas desde cocaína até ecstasy, aprendem a tirar as balas de armas, travar pistolas e estudam o Estatuto da Criança e do Adolescente. As aulas são dadas por promotores de justiça, procuradores e instrutores da Academia de Polícia Civil.

O sucesso é comprovado pela segurança com que os professores enfrentam o perigo de sala de aula. Prestes a começar o sétimo curso, o Instituto Educar já capacitou professores dos colégios Marista — 1º e 2º Grau —, Santo Antônio, diretores regionais de ensino e da Fundação Educacional, UnB, Caje e Divisão Regional de Ensino do Guarará. "A meta é atingir todo o DF. E também o Brasil inteiro", afirma Alessandro Vieira, auxiliar administrativo do Instituto.

Quem fez, aprova a iniciativa. Renata Lopes Cordeiro, 30 anos, diretora da Escola Classe 5 do Guará 1, capacitou-se no último curso. "Precisava muito ouvir o que eles tinham para falar", recorda. Durante onze anos Renata morou, lecionou e foi diretora de escola em Ceilândia. Viu de perto a violência dos alunos com professores e com próprios colegas. Muitas vezes sentiu medo e em outras simplesmente não sabia o que fazer. No ano passado, foi morar no Guará, por isso pediu transferência da escola em Ceilândia.

Mesmo assim sente saudades de seus alunos, das conversas e lamenta não ter feito o curso antes. "Muitas vezes a escola é considerada pelos próprios pais como a última salvação do filho. Sinto-me responsável por cada um deles. Se algum cai ou acontece alguma fatalidade é como se fosse comigo", conta. Mãe de três filhas entre 2 e 7 anos, Renata tem receio da violência, mas nem por isso tem medo de agir. "O problema é a violência que assusta e mata essas crianças. Meu maior defeito é a doação completa. Faço de tudo para evitar que elas tenham a bandagem como destino final", diz.

Enquanto Renata procura soluções, Marcos, o estudante de Ceilândia, não foi à aula na última sexta-feira. Também planeja faltar na segunda e pensa na possibilidade de nunca mais voltar à escola. O motivo? "Detesto violência." As faltas na sala de aula e as consequências dessa ausência são o preço que o garoto de 16 anos paga por querer exercer sua cidadania e não poder.

SERVIÇO

INSTITUTO EDUCAR DA INFÂNCIA E JUVENTUDE
Fone: 443-4690
SOS GALERA
Fone: 226-3660